

Resistência e criação: o professor em seu desafio pandêmico

Do conflito e do diálogo dos conhecimentos existentes nas redes formadas é que posso *'aprenderensinar'*.

Nilda Alves



Imagem: Mafalda, de Quino - Google imagens

Muitas vezes ouvíamos de alguém a frase: “para o mundo que eu quero descer”. De repente, o mundo parou! Algo inimaginável aconteceu: o nosso mundo capitalista, no qual tempo é dinheiro, rendeu-se, ao menos parcial e temporariamente, a um vírus que se alastrou por todo o planeta. O coronavírus chegou para nos fazer pensar sobre muitas questões e, infelizmente, ceifar milhares de vidas. Muitos ambientalistas preveniram que nossa longa relação de degradação e desrespeito com o

meio ambiente, entendido apenas como recurso a ser explorado, nos levaria a graves consequências.

E o que essa “parada” em nossas vidas acarretou? Muitos sentimentos, pensamentos, atitudes, sonhos foram reavaliados diante do medo da morte ou de sua concreta presença. As formas de consumo e a vida social foram alteradas. Lojas, restaurantes, casas de shows, teatros e microempreendimentos viram seus faturamentos despencarem, elevando o já alto número de desempregados brasileiros. Porém, o capital tratou de se adaptar ao novo contexto, fazendo com que a produção se desse de outras maneiras. A casa passou a ser o local de trabalho de parte da classe média e da classe alta, enquanto as camadas mais pobres permaneceram em atividade nas ruas para garantir sua própria sobrevivência e a segurança dos demais.

Na educação, o cenário foi, a princípio, de desolação e insegurança. No entanto, professores renasceram, como fênix, da desesperança, para novas formas de criação. O ensino de forma *online* ganhou visibilidade como jamais havia sido pensado. Professores precisaram aprender a planejar aulas remotas, torná-las interativas, dosar o tempo de ‘*aprendizagem ensino*’ em atividades *online* e avaliar essas outras formas de produção de conhecimentos.

Precisaram aprender a lidar com os receios de se expor em rede, com tecnologias que ainda eram desconhecidas para alguns, com a produção autoral de outros tipos de materiais, com a dificuldade dos estudantes (uma vez que boa parte deles não possui acesso à internet suficiente para o uso das plataformas) e com os medos e demandas desses mesmos estudantes. Tudo isso acompanhado do acúmulo de tarefas que, em especial as mulheres, desempenham em suas próprias casas, seja com os afazeres domésticos cotidianos, com o cuidado dos filhos e idosos etc.

Professores, em sua grande maioria, tiveram que aprender, sem apoio técnico e psicológico, a enfrentar o turbilhão de informações e emoções que sua profissão exigiu. O que os ajudou foram suas redes.

Professores a apoiar outros professores. Trocas de conhecimentos tecnológicos, de práticas pedagógicas, de formas de avaliação, de materiais e, também, de palavras amigas e de incentivo.

Nesse contexto, houve a reinvenção de modos de *'ensinaraprender'*. Em alguns casos, ampliou-se a interação entre as famílias dos estudantes e a escola. Responsáveis que não sabiam lidar com essa nova forma de *'aprendizagemensino'* recorreram aos professores para trocar conhecimentos e muitos passaram a valorizar mais os *'fazeressaberes'* docentes.

A pandemia ressaltou a possibilidade e a necessidade de uma educação onde os *'espaçostempos'* sejam ampliados. Muito ainda precisa ser realizado, como democratização das redes de internet, distribuição de artefatos tecnológicos aos professores e estudantes, formação de professores para atuar de forma remota etc. Mas *'vemosouvimosentimospensamos'* a urgência de *'aprenderensinar'* diferente do que estava estabelecido. Devemos repensar, agora, como educar na cibercultura e quais currículos nós queremos e precisamos tecer no pós-pandemia. E exigir, enquanto sociedade, que haja qualidade no processo e acesso igualitário entre os estudantes, para que não seja a educação um processo excludente ainda mais excludente.

Esse breve artigo não pretende defender a substituição do ensino remoto pelo presencial, mas busca valorizar as experiências educativas nesse período pandêmico. Afirmamos que defender a educação presencial é vital. Nela se tece o aprendizado pela convivência cotidiana, pela interação física, pela partilha, pelas relações de afeto, pela liberdade de estar em um ambiente onde o pensamento não seja cerceado.

Vivenciamos um momento histórico que nos oferece grandes possibilidades de criação, colocando-nos diante de outras realidades. Destaca-se o valor dos variados profissionais de educação, que enfrentam muitas situações adversas, como baixos salários, condições de trabalho precárias, sobrecarga de trabalho; mas que, ainda assim, resistem e criam dentro desse novo contexto. E eles serão essenciais para tecer os

saberes que provocarão novas relações entre nós e nossas com o meio ambiente.

Sobre as autoras:

Maria Morais – Doutoranda em Educação pelo ProPEd/UERJ, membro do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons e mediadora do curso de Licenciatura em Pedagogia Cederj/UERJ.

Joana Ribeiro – Doutora em Educação pelo ProPEd /UERJ, membro do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, professora de História da rede pública e mediadora do curso de Licenciatura em Pedagogia Cederj/UERJ.